



WILHELM REICH E ANNA FREUD: SUA EXPULSÃO DA PSICANÁLISE

Journal of Orgonomy

NOTA DO EDITOR – Journal of Orgonomy

Fica aqui registrado pela primeira vez, para documentação histórica, um relatório honestamente apresentado sobre a expulsão de Reich da Sociedade Internacional de Psicanálise (IPA). Esta história apresenta informações disponíveis nunca antes trazidas a público claramente. Nós sabíamos o quanto Reich foi odiado por certos psicanalistas e que foram eles que começaram o boato de que ele era louco e tinha estado institucionalizado. Elsworth Baker [1], Myron Sharaf [2] e outros historiadores recontaram os fatos que levaram a expulsão de Reich da IPA, em 1934. Porém até agora não sabíamos que a construção da insanidade de Reich originou-se de vários membros do grupo dos discípulos de Freud. Esta reação em forma de peste emocional [3], desenvolveu-se em parte porque Reich era enérgico e dinâmico, e por isso atraía as pessoas, mas principalmente porque suas teorias davam importância essencial ao funcionamento sexual, natural e saudável.

A crença dentro da comunidade científica vigente, de que a energia orgônica não existe, foi sempre reforçada pela afirmação de que Reich era louco e que suas teorias eram produto de uma mente perturbada. O fato de que os cientistas sempre se recusaram a examinar criticamente suas descobertas energéticas é em parte o resultado da calúnia que começou em Viena em 1920. Estas construções difamatórias a respeito de Reich, teve conseqüências que ultrapassaram fronteiras.

A invenção de que Reich havia se tornado um doente, acompanhou-o até os Estados Unidos. Este fato deu crédito ao artigo escrito por Mildred Edie Brsdy intitulado “O estranho Caso de Wilhelm Reich” [4]. Este segmento de jornalismo obscuro, feito de meias-verdades e indubitáveis mentiras, tornou-se a base para sucessivos artigos que desqualificaram Reich e suas descobertas. A ficção de que Reich era louco efetivamente desempenhou importante papel no ataque de FDA que ocasionou finalmente sua prisão.



Em 1048 o boletim da clínica Menninger reeditou o artigo de Brady na sua íntegra. Psiquiatras, muitos dos quais dependiam das informações deste artigo, ensinaram terapeutas em treinamento, que Reich havia se tornado psicótico. Mesmo hoje, sempre que Reich é mencionado, este fato é afirmado ou insinuado. Este contexto que apresenta a imagem de Reich como desequilibrado, permitiu que Dusan Makavejev apresentasse este homem como um psiquiatra louco e perverso no filme pornográfico: “W.R. Mistérios do Organismo”.

Os últimos efeitos da campanha difamatória que começou há setenta anos atrás, se estenderam até o presente. Lamentavelmente, hoje Reich é principalmente conhecido apenas com “O Psiquiatra louco que inventou a Caixa Orgonômica”. As revelações que Lore Reich Rubin sobre como foi construída a insanidade de Reich começaram a expor os psicanalistas pelo assassinato desta personagem. Suas revelações são de um valor inestimável por que elas agregam uma importante página na história da ciência da Orgonomia e também porque fica documentado mais um exemplo da força destrutiva de uma praga emocional.

Eu sou uma psicanalista e, portanto, interessada na história da Psicanálise, particularmente na história que aconteceu em Viena. Como as pessoas implicadas morreram e já não se pode mais fazer censo ou investigação, muito desta história tem aparecido recentemente, através de cartas e biografias. Dois livros por exemplo, foram publicados sobre Anna Freud. Um é uma biografia escrita por Elizabeth Young-Bruehl (1) e o outro é chamado “The Last Tiffany” (O Último Diáfano), de Michael Burlinghan (2). A avó de Michael era Dorothy Burlinghan que se tornou companheira permanente de Anna Freud. Estas são as duas principais fontes que utilizei sobre Anna Freud.

Alguns livros foram editados em Viena sobre Reich no último ano. Karl Fallend escreveu “Wilhelm Reich em Viena (3).” Ele recentemente editou outro livro em co-autoria com Bernd Nitzcheke, no qual incluiu artigos de vários autores chamado “Der fall Wilhelm Reich” (4). Os “Fascículos Rundbriefe” de Finichel também serão publicados este ano por Stroemfeld / Roter Stern. Isto está acontecendo graças a mim porque eu não entreguei estes relatos aos



arquivos de Freud na Biblioteca do Congresso, os quais estão fechados ao público. Em lugar disto, entreguei-os aos editores.

Agora vou falar sobre meu pai. Ele não era um santo. Ele era um homem muito difícil, mas eu não quero salientar isto hoje, na celebração de seu nascimento. Estou interessada agora, no fato de que ele era um homem entusiástico, enérgico e decidido à Psicanálise. Ele entrou para a Psicanálise quase imediatamente após terminar o serviço militar, ainda estudante de Medicina em Viena. Isto aconteceu depois da Primeira Guerra Mundial.

Reich tornou-se finalmente o diretor da Clínica Psicanalítica de Viena. Ele lecionou no Instituto Psicanalítico de Viena, ministrando seminários sobre técnicas, no período de 1924 a 1930. Obviamente ele era muito bem respeitado e tinha muitos amigos na comunidade psicanalítica (5) (6). De acordo com Richard Sterba (7) a comunidade psicanalítica formava uma malha fechada e as pessoas casavam entre si. Estas pessoas as quais estou me referindo são as mais jovens, aquelas que entraram para a Psicanálise depois da Primeira Guerra Mundial.

Reich, entretanto encontrou problemas com seu segundo analista, Paul Federn. Atualmente, estamos muito interessados em transferência e contratransferência. Porém naquela época, apenas alguma coisa era conhecida sobre transferência e praticamente nada, sobre contratransferência. Federn desenvolveu uma severa contra transferência em relação ao meu pai, ignorando todas as modernas regras de confidencialidade, referentes a falar sobre um paciente. Ao contrário, passou anos tentando convencer Freud a se livrar de Reich, a coloca-lo para fora dos seminários sobre técnicas e para fora da clínica (8). Meu pai reclamou a Freud sobre o que ele estava considerando uma perseguição. Federn não tinha a menor idéia de que nesta questão a contratransferência estava envolvida. Ele considerava Reich um louco e tentava se ver livre dele.

A resposta de meu pai a este fato muito interessante pois apresentou dois tipos de reação. Acredito que, primeiramente, ele tenha entrado em profunda depressão, embora nada se encontre escrito a este respeito. O que sei do ocorrido, foi retirado de observações de minha mãe, sobre a grande depressão que atingiu meu pai em 1927, levando-o a uma severa tuberculose.



A segunda reação foi quando, após ter retornado ao Sanatório Davos ele desenvolveu uma nova, inteligente, e brilhante inovação. Esta inovação referia-se a dissecar a transferência negativa no paciente. Parece-me que, o que ele decidiu fazer, não sei se consciente ou inconscientemente, foi ensinar seu analista Federn, como ele deveria ter conduzido sua análise. Reich então escreveu o livro “Análise do Caráter”. Aproximadamente as primeiras cem páginas, tratam sobre a transferência negativa e como ela deve ser entendida antes de podermos analisar uma pessoa. Atualmente isto não é uma teoria inovadora. A Psicanálise avançou tanto no manejo da transferência e da contratransferência, que esta idéia hoje nos parece muito natural, mas naquela época a contratransferência era algo revolucionário e não aceito pelos psicanalistas.

Reich teve uma maneira muito criativa de lidar com o que foi realmente um trauma.

Eu acredito que este padrão torna-se abatido e então chegar a uma constatação teórica, foi o padrão de sua vida. Um outro mecanismo de defesa restaurador, foi aparecendo ao mesmo tempo em que o anterior: se excluído de um grupo, ele formaria um novo grupo e faria novas amizades.

Durante toda sua vida, Reich criou inúmeras teorias e formou novos grupos em respostas a fracassos. Acredito, estar aqui, adiantando este meu relato, ao me deter na sua necessidade de formar novos grupos.

Assim Federn não conseguiu separar Reich de Freud nem da comunidade psicanalítica, mas Anna Freud conseguiu, conforme vou relatar a seguir.

Como Reich estava perdendo o grupo psicanalítico, ele foi se tornando mais e mais envolvido, primeiramente, envolvido com os socialistas e depois com os comunistas (9), formando assim ele mesmo, uma nova comunidade e um sistema de apoio. Deve-se mencionar que em 1934, Reich foi rachado pelos comunistas e, como todos nós sabemos, tornou-se um forte anticomunista nos últimos anos.

Ele deixou Viena em 1930 e foi para Berlim, pois estava se tornando cada vez mais radical. A razão atribuída a esta mudança para a Alemanha foi a de combater os nazistas. Viena se tornava cada vez mais fascista, logo ele



corria perigo político ali. Este era provavelmente um dos motivos de sua mudança. Mas também é verdade que ele estava sendo empurrado para fora do grupo interno da Psicanálise. Então, este era o mais doloroso e pessoal motivo de sua mudança. Durante os últimos dezenove a vinte anos Reich, tinha sido um comunista bastante eloquente. Nesta época muitas pessoas em Viena eram por demais conservadoras, mas não todas. Alguns psicanalistas tinham uma tendência esquerdista radical, mas os Freuds, por exemplo, eram muitíssimo conservadores. Naquela época Viena, estava se tornando fascista, de uma forma suave e sutil, ao contrário da forma alemã.

Aqueles eram tempos difíceis, por isso mesmo o radicalismo de Reich destacou-se. Os Freuds ficaram abalados, ambos os Freuds, Anna e Sigmund. Devo dizer a vocês que realmente não sei se Sigmund estava fazendo alguma coisa por ele próprio. Seu câncer começou a se manifestar em 1932, e cada vez mais Anna Freud se posicionava à frente, na liderança da organização psicanalítica. Portanto, embora Sigmund tenha escrito a carta em 1932, não está claro quem estava por trás disto. Naquele ano, meu pai queria publicar um artigo sobre o Caráter Masoquista. Freud, enfaticamente recusou-se a aceitar esta publicação dizendo que se tratava de um artigo comunista. Porém após este fato houve pressão em Freud e então finalmente ele disse que o artigo poderia ser publicado, mas com a condição de que o jornal colocasse um adendo, esclarecendo que se tratava de um artigo comunista. Somente por causa de pressão de pessoas como Ernst Kris em Viena e aparentemente também de pessoas em Berlim, este artigo pôde ser publicado no "Internationale Zeitschrift Psychanalyse". Agora ele está no livro "Análise do Caráter" (10). Eu o li recentemente. É um excelente artigo sobre Masoquismo. Afirmo que é realmente um bom artigo. Eu trabalhei este artigo com meus alunos em uma aula. Meus alunos gostaram muito. Eles são psicanalistas e não orgonomistas.

O que Reich fez neste artigo foi atacar o Instinto de Morte, uma teoria que Freud desenvolveu naquela época. Os comunistas naturalmente disseram que não poderia haver o Instinto de Morte, já que os problemas das pessoas são todos causados pela sociedade. Assim, o ataque de meu pai ao Instinto de



Morte, foi sentido por Freud como proveniente de sua ideologia comunista. Obviamente, ninguém hoje acredita no Instinto de Morte.

Este trabalho de Reich foi um perfeito artigo psicanalítico, ficando evidente o ataque direto e aberto à teoria de Freud. Isto não era o habitual entre os psicanalistas. Eles preferiam reverenciar Freud, e se por acaso, dele discordassem em alguma ocasião, subitamente mudavam de idéia, e se retratavam nos próximos artigos. Não há dúvida de que meu pai em 1932, não era mais um membro admirado pelos Freuds e ainda mais, sabendo disto não escondia de forma alguma sua discordância em relação a eles.

Existem cartas, hoje publicadas, onde Anna Freud em 1933, escrevia para Jones em Londres, dizendo que seu pai Freud não tinha mais tempo para discussões e desejava se livrar de Wilhelm Reich imediatamente. Eu realmente não sei, como já referi anteriormente, se quem estava falando era Anna ou Sigmund por ele mesmo. Passado um tempo, Anna escreveu a alguém dizendo que Reich após ter deixado a Alemanha, veio a Viena proferir uma palestra radical, que ela julgou impensada e inconseqüente (11). Assim, em 1933, quando Hitler assumiu o poder, Sigmund escreveu a Eitington (12), que estava na direção do Instituto de Berlim, pedindo-lhe o favor de se livrar de Wilhelm Reich, por que ele não queria que Reich fosse preso dentro das dependências do Instituto Psicanalítico de Berlim.

Como cortesia Reich, demitiu-se do Instituto da Alemanha. Tudo leva a crer que solicitaram a ele, que fizesse isto. Agora, na verdade, há toda uma longa história que vocês podem ler, sobre o que aconteceu aos analistas alemães dentro do regime Nazista (13). Existem algumas controvérsias sobre se eles cooperaram com os Nazistas ou não. Nitzschke pensa que sim. Colocando todo este episódio dentro de um entendimento, estou certa de que Ernest Jones (Presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise) bem como os Freuds pensavam como Winston Churchill naquela época, de que os comunistas eram mais perigosos do que os nazistas. De qualquer forma meu pai honrou o pedido de Eitington, renunciando a Organização Psicanalítica Alemã.

Assim, em 1934, ocorreu um daqueles congressos de verão em Zurich, na Suíça. Nesta ocasião meu pai morava em Dinamarca. Ele compareceu ao



Congresso inocentemente. Anna Freud estava na comissão executiva e Jones era o presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise. Então eles disseram a Reich que se ele já não era membro da Organização Alemã e de nenhuma outra Organização local, não poderia ser membro da Sociedade Internacional. Ele definitivamente não poderia ser um membro. Assim por um mecanismo criado por eles pela primeira vez, expulsaram Reich. Eles disseram obviamente, que se ele viesse participar de alguma organização local ele poderia voltar. Porém, um ou dois anos após, meu pai mudou-se para a Noruega. Quando os noruegueses solicitaram a formação de uma organização local, foi negada a eles sua inclusão na Sociedade Internacional de Psicanálise. Conseqüentemente, Reich jamais voltou a ser membro desta Sociedade. Percebe-se que tudo isto foi premeditado. Primeiro, eles pedem a ele que vá embora, depois dizem a ele que é porque não é filiado a uma organização local. Ele está fora. Esta história está detalhada nos “Fascículos Rundbrief” de Fenichel.

É justamente sobre a seqüela desta expulsão de Reich, que desejo falar a vocês. Eu estava com meu pai naquele verão. Nós fomos dirigindo nosso carro para a Suíça, através de uma estrada indireta que não cruzasse pela Alemanha. Pegamos um barco da Dinamarca para a Bélgica e então fomos dirigindo contornando a Alemanha. Eu passei todo este verão com meu pai. Ele estava com um humor perfeito, e estava se divertindo muito naquele verão. Mas depois de ser expulso, ele ficou conforme meus amigos dizem “balístico”. Quer dizer, ele ficou totalmente enfurecido, brigava com minha mãe, brigava com crianças que estavam por volta, e com certeza com todas as pessoas. Ele ficou realmente muito abalado. Mas como já mencionei, logo se recuperou usando como sempre seus eficazes, e repetitivos mecanismos. Primeiro ele formou um grupo para ele na Noruega. Um grupo que apesar de ter passado tanto tempo, está ainda vivo e lembra dele afetuosamente. Segundo, ele quebrou a barreira psicanalítica contra o toque no corpo e se desenvolveu mais em direção a vegetoterapia, o que mais tarde envolveu a Bioenergética.

Voltando a nossa história, o que é importante salientar é que os psicanalistas que apoiavam Reich, Fenichel e todo o grupo de Berlim e mais um grande número de pessoas em Viena, sentiram-se intimados. Eles não



podiam dizer nada porque ficavam com medo de serem expulsos também e acredito que este perigo realmente existia. Por isso Otto Fenichel começou escrever os “Fascículos Rundbriefe”. Eles não tinham xerox, então tinham que datilografar na máquina de escrever, dez cópias cada vez em papel de seda, e enviá-las aos seus companheiros da ala marxista da Psicanálise. Isto tudo era feito muito, muito silenciosamente. Minha mãe foi uma das pessoas que recebeu esses “Fascículos Rundbriefe”. Muitos anos depois, como ela estava morrendo em sua cama alguém entrou em seu quarto e roubou-os, para que eles jamais aparecessem. Esta maneira de como amedrontaram os analistas da antiga ala esquerdista da Psicanálise, pode ser conhecida porque constam dos “Fascículos Rundbriefe”. O líder deste grupo, confessou isto Amim, e me trouxe numa sacola de compras, os “Fascículos Rundbriefe”. E foi assim que salvamos estes documentos. Certamente, devem existir outras cópias, mas eu tenho a posse do exemplar mais completo.

Mas o que aconteceu com o resto dos analistas? Os da ala esquerdista foram derrubados, porque ficaram realmente amedrontados de serem de serem também expulsos, mas eles possuíam secretamente os “Fascículos Rundbriefe”. Os outros analistas desenvolveram uma conspiração em silêncio. Esta história de como Reich foi expulso da Sociedade Internacional, está ascrita exclusivamente nos “Fascículos Rundbriefe”. Se não contasse ali, ninguém jamais o teria mencionado. Ninguém jamais teria falado sobre o que aconteceu com Reich. Até mesmo minha mãe sussurrou algo para mim, de por efeito desta política, eles estavam muito infelizes.

Houve então uma revisão da história. Ernest Jones escreveu uma biografia de Freud na qual relata que Reich renunciou a Sociedade Internacional (14). Considerando que a expulsão foi arquitetada pelo próprio Jones, isto é uma total distorção do que aconteceu na época. Assim os analistas começaram a reforçar o fato de que Reich era louco e que esta foi a real razão de ter sido expulso. Devemos lembrar que rotular alguém de louco tinha sido usado para expulsar outras pessoas da Comunidade Analítica, vejamos por exemplo “O Irmão Animal” de Roazen (15). Alguns analistas começaram a espalhar uma história boca a boca. Era uma típica história vienense de humor. Eles disseram que Reich tinha vindo a Zurich, colocando



uma barraca bem na frente do Congresso e ficado ali com sua amante. Eles disseram ainda que ele tinha uma enorme faca.

A verdade é muito mais palpável do que a versão que inventaram. Reich não ficou na frente do hotel, ele estava em um acampamento. A mulher com quem ele estava, não era sua amante e sim sua companheira marital. Ele não tinha dinheiro e por isso estava acampado. É necessário ter uma faca para acampar. Estou querendo dizer que eles inventaram esta história dentro de um contexto cômico, dizendo que Reich estava acampado na tenda e que até fez sexo ali. Este era o tipo de clima que pairava naquele meio. Assinalaram inclusive seu desapontamento após a expulsão, para mostrar o quanto descontrolado ele era. Ninguém jamais mencionou tudo isto às crianças. Não tínhamos menor idéia do porque ele estava tão abatido naquele Congresso. Parecia que de repente ele estava explodindo, no seu limite.

Agora, após terem decorrido muitos anos destes acontecimentos, alguns analistas tem me procurado, isto é incrivelmente constrangedor. Isto não acontece a mais ninguém, eu asseguro a vocês. Eles têm uma expressão engraçada em suas faces, um certo ar de cordeiro, e eles dizem: “Ele era um grande homem. O que aconteceu com ele? Isto não é triste?” Normalmente você não se dirige e subitamente diz: “Seu pai é um louco”. Você simplesmente não faz isso. Isso não é polido. Portanto, há uma espécie de pressão por trás disto. Eles têm que fazer isto. É compulsivo. Eu acredito que isto é culpa, porque todos estavam lá naquele Congresso. Todos eles sabiam o que aconteceu e ninguém falou sobre p fato. Então eles começaram a reescrever a história.

Somente mencionarei aqui mais alguns exemplos, além do que já coloquei sobre Jones. Vou mencionar Richard Sterba que era um grande amigo de meu pai. Existem fotos de uma viagem que os dois fizeram juntos a uma estação de esqui, acho que em 1931, onde se percebe estarem se divertindo muito. Richard disse a Myron Sharaf (16) que ele havia tido problemas com Wilhelm Reich desde 1927. Então, o que fazia ele esquiando com meu pai na década de trinta? Na década de cinquenta, Richard Sterba emigrou para Detroit. Ele foi a Nova York fazer um artigo (17). Este artigo está publicado em várias revistas. Todos vocês podem lê-lo, e constatar que ali está dito que



“Análise do Caráter” é um livro ruim. Sterba disse inclusive que ao ler este livro se pode afirmar que Reich era um paranóide. Agora, porque Sterba teve que fazer isto? Foi para recuperar sua reputação junto a comunidade psicanalítica. Pelo fato de ter sido amigo de Reich, era uma pessoa suspeita. Assim para ficar incluído no grupo de analistas emigrantes da Europa, os quais eram extremamente próximos a Anna Freud, ele fez este artigo. É realmente um artigo idiota, nada interessante. Outra pessoa que revisou a história foi Helene Deutsch, que escreveu uma biografia intitulada “Confrontações Comigo Mesma” (18) o qual ela diz o quanto se relacionou bem com Anna e Sigmund Freud, e o quão terrível era Wilhelm Reich. Porém Scaraf afirma que embora Helene considerasse Reich um fanático, ela aproveitava muito, seus seminários sobre técnicas (19). Pois bem, mais tarde ela morreu, livros apareceram sobre ela com cartas suas. Roazen escreveu um livro sobre sua biografia (20). Aparentemente ela estava encontrando problemas com Anna Freud e com o próprio Freud, tendo inclusive que se mudar de cidade. Está claro que Helene Deutsch deixou Viena e foi para Boston em 1933, porque não se sentia confortável com o grupo de pessoas que Anna tinha formado ao redor de Freud, nos seus últimos anos. Está também documentado que Deutsch assistiu os seminários sobre técnicas em Viena, com meu pai, tendo gostado muito de participar.

O último incidente que desejo falar é quando Myron Sharaf e eu fomos convidados pela Sociedade Americana de Psicanálise, em abril de 1986, para participar de um painel sobre a história da Psicanálise. Os filhos dos psicanalistas de Viena foram convidados a falar sobre seus pais. Eles convidaram os filhos de Reich, Bernfeld e Ernest Kris. Na curta palestra que fiz, mencionei como Waelder não publicou o artigo de Reich sobre Masoquismo, e assim eu continuei minha fala. Quase no fim do painel, um analista da Filadélfia chamado Gutmacher, um aluno de Waelder recentemente falecido, levantou-se e disse: “Você não deixou algo fora disto?” Eu respondi “O quê?” Eu não sabia sobre o que ele estava falando. Ele então disse: “Reich era louco. Isto é o que você deixou fora”.

Novamente, julguei aquilo tão importuno. Mas me dei conta somente depois, que ele fez aquilo porque eu havia atacado Waelder por não publicar o



artigo sobre Masoquismo. Ele era apenas um aluno de Waelder. Na ocasião eu não entendi bem o que estava acontecendo. Porém, quando fui ouvir novamente a fita do painel, fiquei despontada ao constatar justamente no momento em que este incidente acontecia, eles trocavam a fita, de forma que nada ficou gravado.

Agora, por que estavam todos tão preocupados com Reich? Que clima havia para estarem todos tão silenciosos? Será que revisar a História os dissociava de Reich? Temos que entender a tremenda agitação que se encontrava na Europa na época. Os nazistas estavam no poder, pessoas estavam sendo presas, comunistas estavam promovendo ativamente revoluções. Por sua parte os analistas estavam amedrontados. Mas alguma coisa estava acontecendo na comunidade psicanalítica. O período de ortodoxia tinha iniciado em 1911 (21), mas ultimamente, nas épocas de vinte e trinta, os problemas de ortodoxia tinham a ver com Anna Freud. Anna Freud estava sendo preparada para assumir a Sociedade Psicanalítica de Viena e depois a Internacional. Ela estava sendo ajudada por Freud para consolidar seu poder. Mas Anna tinha também sua personalidade, digamos assim, sua desordem. Ela realmente tinha que ser a número um (22). Isto é, ela parecia ser uma pessoa muito retraída, não demonstrando jamais ser tão manipulativa e determinada, e o quanto era importante ser a número um e adorada por todos. Portanto, se você não aderisse a ela e não ficasse à sua volta, você estava fora. Por exemplo, Richard Sterba estava fora, mas todas as pessoas em Viena que estavam dentro, eram seus grandes amigos.

Quando Anna Freud chegou à Inglaterra, estes seus traços de personalidade apareceram mais claramente. Tornou-se óbvio para todos, inclusive para Ernest Jones que a havia defendido anteriormente. Quando Anna chegou à Inglaterra ela descobriu que Melanie Klein, sua grande rival em análise de crianças e com quem ela havia tido diferenças teóricas e técnicas, lá estava e era admirada por todos. Anna começou fazer a mesma coisa: ou você é leal a ela ou você não é um analista. Isto foi o que ela havia feito, de forma sutil em Viena. Mas agora ela o fazia abertamente. Bem, os ingleses são muito mais democráticos e não aceitaram isto. Assim o que aconteceu foi que um grande grupo de analistas ligados a Anna, resolveram seguir Melanie Klein.



Anna Freud isolou-se em Hempstead, pois seu verdadeiro grupo analítico estava nos Estados Unidos. O grupo de analistas ingleses que restou, tornou-se o que chamamos de grupo do centro. Eles não quiseram fazer parte deste partidarismo.

Agora, retornando aos acontecimentos de Viena, devo dizer que meu pai não era um tipo de pessoa para jogar em equipe. Ele também tinha que ser o número um. Como falamos antes, Anna parecia quieta e retraída. Fenichel escreveu nos seus “Fascículos Rundbriefe” que no Instituto de Viena havia um corredor. No fim deste corredor, havia uma sala de aula na qual Anna Freud lecionava o que mais tarde tornou-se “O Ego e os Mecanismos de Defesa”. Numa outra sala Reich lecionava o que mais tarde tornou-se “Análise do Caráter”. Ambos davam aula na mesma hora. Você não podia assistir às duas aulas, você teria que escolher uma ou outra. Como estes dois livros tem diferentes abordagens, sobre a teoria da estrutura do caráter, se pode perceber olhando em retrospectiva, como havia ainda em Viena, um espírito político – ideológico sobre a teoria. Por esta razão é que Helene Deutsch, que assistira os seminários de meu pai, teve que voltar atrás para recuperar sua respeitabilidade perante o grupo.

A crença de ter que seguir uma facção teórica estendeu-se por Nova York nos anos cinquenta. Quando eu estava em treinamento em Nova York no Instituto de Psicanálise, Melanie Klein era simplesmente um nome ruim. Ela não era lida olhada de baixo para cima, enquanto Anna Freud era considerada um grande guru. Agora Melanie Klein está sendo prestigiada e vista com a precursora da atual teoria das relações adjetivas, à qual está muito próxima do que aceito hoje na Psicanálise. Anna Freud ficou ocupada com os psicólogos do Ego e agora de seu trabalho tem sido citado.

Havia também contratransferências ocultas em Anna Freud que a levaram ao seu intento de se ver livre de Wilhelm Reich. Na verdade nos círculos de Viena ela era conhecida como a “dama de ferro” e algumas vezes a “virgem de ferro”. Ela não tinha nenhum parceiro sexual conhecido na época em que Reich a conheceu. Algumas pessoas pensam que mais tarde Dorothy Burlingham se tornou sua amante. Entretanto, outros pensam que este relacionamento nunca foi sexual, embora elas acabassem por viver juntas. De



qualquer forma, não importa saber isso agora. O que é certo e que Anna nunca teve um amante homem. Isto está definido. Agora, na época em que meu pai era membro da comunidade psicanalista, tanto Sigmund como Anna valorizavam o que é chamado de sublimação através do trabalho. Você não precisaria ter uma manifestação sexual expressa. Você poderia sublimar isto. Por exemplo no “Ultimo Diáfano” (23), está claro que Dorothy Burlingham desejava seu marido, desejava fazer sexo. Os Freuds trabalham incessantemente para manter Dorothy separada de seu marido. Eles diziam: “Não, você não precisa de sexo. Você pode trabalhar duramente e não precisa fazer sexo”. Freud disse isso para Robert Burlingham quando ele veio para a entrevista com Freud. A ênfase de Anna era nas defesas contra o instinto. Portanto estou certa de que ela sentiu-se pessoalmente atacada por Reich, que estava dizendo que se não tivesse um organismo completo, você era neurótico e mais, que um orgasmo incompleto era causa de neurose. Aqui temos uma mulher que não tinha orgasmo. Segundo Bruehl, Anna quando jovem apresentava problemas de masturbação, por isso Freud colocou-a em análise. Estou querendo dizer, que na verdade, os dois formavam um par muito antiquado. Entretanto, Freud modificou-se em relação a seus primeiros interesses. De acordo com as novas cartas completas, de Freud para Fliessen 1888 (24), quando ele se casou pela primeira vez, tinha muitos problemas sexuais. Então começou a sonhar com uma sociedade onde homens e mulheres, pudessem ter acesso ao contato sexual limpo com parceiros limpos. Lembrem que a sífilis era uma grande preocupação na época. Assim as idéias originais de Freud sobre sexualidade eram muito mais próximas da promulgação da liberdade sexual para os jovens, do que Freud acreditou mais tarde. Quando Freud estava na década de seus sessenta anos, ele não mais estava interessado em sexo.

Peter Heller fala da férias de Anna Freud em Gruemendlesee em 1930 (25). Ela estava de um lado do lago e no outro lado estavam analistas jovens fazendo sexo. Ela desaprovou muito o fato. Ele está se referindo a Berta Borstein e Fenichel, fazendo sexo num barco no meio do lago. Podemos concluir que estes dois são muito diferentes de Anna Freud. Infelizmente para Reich, sua chegada a Psicanálise ocorreu no momento em que toda a teoria



sobre sexualidade estava mudando, e principalmente enfatizava a modificação na exploração do ego. Para Anna a teoria de Reich deve ter significado que ela não era normal.

Outra causa da contratransferência de Anna em relação a Reich, foi o complicado relacionamento com seus pacientes e crianças. No meu entendimento, após ter lido a biografia de Bruhl e o livro de Burlingham, conclui que Anna era uma pessoa possessiva, que desejava manter certas pessoas só para ela, separando-as de seus outros rivais. Mas naturalmente esta é uma apreciação extrema, sendo estas características expressadas por ela, de forma muito sutil. Anna Freud desenvolveu teorias sobre técnicas analíticas de crianças, nas quais diz que a criança não é uma pessoa adulta por isso o analista também educa a criança, e de fato faz isso melhor que os pais.

Para ilustrar, existem algumas semelhanças entre o que aconteceu com minha família e com a família Burlingham. Anna Freud começou a analisar todas as quatro crianças dos Burlinghams, ao mesmo tempo em que ela iniciava com a mãe das crianças. Os Freuds trabalhavam intensamente para conseguir manter as crianças afastadas de seu pai Robert Burlingham. Porque ele era “louco”. Ele aparentemente tinha um distúrbio bipolar e por isso foi julgado ser prejudicial para as crianças terem qualquer tipo de relação com o pai. Para mantê-lo longe, Anna escreveu a Robert dizendo que suas visitas à América para ver seus filhos tinham abalado muito as crianças e que ele deveria manter-se longe delas. Anna inclusive colocou Dorothy em análise com Freud. Cerca ocasião, saíram de férias juntos, Freud, Dorothy e Anna. Esta intimidade não tinha nada a ver com a neutralidade que a técnica psicanalítica pregava na época. Quando Robert vinha falar com Freud, este explicava-lhe que ele (Freud) estava ajudando Dorothy a superar sua necessidade sexual por Robert. As crianças nunca superaram seu conflito por terem se separado de seu pai.

Infelizmente esta história é similar ao que aconteceu em minha família. Minha mãe estava em análise com Anna Freud, eu acho que em 1927. Anna dizia a ela para abandonar sua atividade sexual com Reich por que ele era “louco”. Anna aconselhou minha mãe a não ter seu segundo filho, que sou eu. Minha mãe desafiou Anna e voltou para meu pai em 1931, pois tinham se



separado. Eu acredito que minha mãe precisou lutar muito após este fato, para manter-se dentro de um círculo interno dos analistas vienenses.

Minha irmã, felizmente não eu, foi encaminhada para análise com Berta Borsntien, a qual eu descobri, estava em supervisão com Anna Freud. Não havia ninguém mais que pudesse ser seu supervisor. Minha irmã contou-me que sua análise consistia em Berta dizer a ela, o tempo todo, que meu pai era “louco”. Todo o tempo repetia isto. Assim era a análise. Eu me lembro que quando minha irmã estava por volta de seus vinte anos, minha mãe, minha irmã, Berta Bornstein e eu fomos escalar uma montanha. Mesmo ali Berta seguia: “Vocês vêem, ele é louco. Vocês não vêem agora?” Minha irmã finalmente ficou muito brava, e cuspiu nela. Continuando a analogia da situação dos Burlingham com a nossa, Berta Bornstein escreveu ou telefonou porque isto estava inferido na análise de Eva. Como ele era um homem que honrava compromissos, ingênuo, e não chegado a manipulações, aceitou aquilo. Ele até mesmo falou: “Eu não quero interferir na análise.” Isto teve um efeito bastante desastroso em mim pois meu pai simplesmente desapareceu de minha vida por alguns anos. Eu não tinha muitos motivos neuróticos e pessoais os quais a impediram a se livrar de Wilhelm reich. Ao mesmo tempo seus traços de personalidade tornaram a situação mais difícil, porque outros analistas mantiveram como ela a mesma posição em relação a ele.

REFERÊNCIAS

- (1) Young-Bruehl, E. Anna Freud: A Biography. New York: Summit Books, 1988.
- (2) Burlingham, m. The Last Tiffany: A Biography of Dorothy Tiffany Burlingham. New York: Atheneum, 1989.
- (3) Fallend, K. Wilhelm Reich in Wien: Psychoanalyse und Politik. Geyer Edition. Wien: Salzburg, 1988.
- (4) Fallend, K. And Nitzschke, B. Der Fall Wilhelm Reich: Beitrage Zum Verhaliniss von Psychoanalyse um Politik. Suhrkamp tashenbuch Nr. 1285, 1997.
- (5) Ibid, p. 25.



- (6) Sharaf, M. *Fury on Earth: A Biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martins Press, 1983.
- (7) Sterba, R. *Erinnerungen eines Wiener Psychoanalytikers*. Frankfurt Am Main: S. Fischer, 1985.
- (8) Fallend, Chapter 1.
- (9) Ibid, Chapter 1.
- (10) Reich, W. *Character Analysis*. Third Ed. New York: Orgone Institute Press, 1949, 7:208, 8:166-174.
- (11) Fallend and Nitzschke, p. 68.
- (12) Ibid, p. 69.
- (13) Ibid, Chapter 2.
- (14) Jones, E. *The Life and Work of Sigmund Freud, Vol. III*. New York: Basic Books, 1957.
- (15) Roazen, P. *Brother Animal: The Story of Freud and Tausk*. New York: Knopf, 1969.
- (16) Sharaf, p. 152.
- (17) Sterba, R. "Charater Resistance", *Psychoanalytic Quarterly*, XX: 72ff, 1951.
- (18) Deutsch, H. *Confrontations With Myself*. New York: W. W. Norton & Co., 1973.
- (19) Sharaf, p. 152.
- (20) Roazen, P.
- (21) Bergman, M. "The Historical Roots of Psychoanalytic Orthodoxy", *International Journal of Psychoanalysis*, Vol. 78:69ff, 1997.
- (22) Young-Bruehl, E.
- (23) Burlingham, M.
- (24) Jeffery Masson, ed. *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*. Massachusetts: Harvard University Press, 1985.
- (25) Heller, P. *A Child Analysis with Anna Freud*. Connecticut: International Universities Press, 1990.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RUBIM, Lore Reich. Wilhelm Reich e Anna Freud: sua expulsão da psicanálise. In: **Revista da Sociedade Wilhelm Reich**. Porto Alegre: SWRRS, 1998, p. 4-14.

17

(26) Unpublished letter.

NOTAS REFERENCIAIS DO EDITOR

[1] Baker, E. Man in the Trap. New York: Macmillan, 1967.

[2] Sharaf, M. Fury on Earth: A Biography of Wilhelm Reich. New York; St. Martins Press, 1983.

[3] Reich, W. Charater Analysis, tras. T. Wolfe, New York: Orgone Institute Press, 1949, Chapter XII.

[4] Sharaf, M., p. 360.

